

# ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS NAS NARRATIVAS DE VIDA PUBLICIZADAS PELA PÁGINA DO MOVIMENTO SP *INVISÍVEL*

Mariana Ramalho Procópio<sup>1</sup>  
Amanda Cristina Carneiro<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar as estratégias discursivas utilizadas para construir as narrativas de vida de sujeitos em situação de rua, publicadas pelo movimento *SP Invisível* no *Facebook*. Como suporte teórico, baseamo-nos nos trabalhos de Arfuch (2010), Charaudeau (1995), Machado (2011) e Procópio (2015, 2016). Nossas análises nos fizeram perceber que as narrativas de vida em si funcionam como estratégias discursivas, tanto de credibilidade quanto de captação. Acreditamos que tais estratégias visam a provocar um efeito patêmico, isto é, despertar emoções no público que recebe tais relatos, bem como de projetar um *ethos* de vítima para os sujeitos biografados.

**Palavras-chave:** espaço biográfico, narrativas de vida, situação de rua, *SP invisível*.

## Introdução

As redes sociais, dispositivos contemporaneamente utilizados por militâncias e movimentos como espaço de fala das minorias, são plataformas potencialmente democráticas, acessíveis a qualquer pessoa que se proponha a ser produtor de conteúdo. O movimento *SP Invisível*, estruturado principalmente através da rede social *Facebook*<sup>3</sup>, foi criado em meados de 2014 por dois estudantes da graduação: Vinícius Lima, que na

---

<sup>1</sup> Doutora em Estudos Linguísticos pela FALE/UFMG. Professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: mariana.procopio@ufv.br.

<sup>2</sup> Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa. Foi bolsista de iniciação científica pelo CNPq no período de agosto de 2016 a julho de 2017, com projeto do qual deriva este artigo. E-mail: aamandacarneiro@gmail.com.

<sup>3</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/spinvisivel/>.

época cursava jornalismo na PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) e André Soler, então estudante de cinema, na FAAP (Fundação Armando Alves Penteadó).

A proposta inicial era uma atividade simples: fotografar os invisíveis de São Paulo e lhes dar certa visibilidade por meio das redes sociais. Aos poucos, o movimento se desenvolveu em um projeto social e, de acordo com dados de maio de 2018, contava com mais de 550 relatos publicados sobre moradores<sup>4</sup> e artistas de rua, além de mais de 380 mil curtidas na página. Assim, através de publicações quase que diárias, o coletivo compartilha relatos em primeira pessoa sobre indivíduos que vivenciam, seja como moradores ou como artistas – as ruas da capital São Paulo.

A situação de rua é definida pelo Decreto n.º 7.053, de 23 dezembro de 2009, que institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua (PNPR). Conforme o documento, a população em situação de rua se caracteriza “por ser um grupo populacional heterogêneo, composto por pessoas com diferentes realidades, mas que têm em comum a condição de pobreza absoluta, vínculos interrompidos ou fragilizados e falta de habitação convencional regular, sendo compelidas a utilizar a rua como espaço de moradia e sustento, por caráter temporário ou de forma permanente” (BRASIL, 2009).

De acordo com pesquisa realizada pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) em 2015<sup>5</sup>, 101.854 pessoas estavam em situação de rua. Enquanto 6,63% delas estavam em cidades com até 10 mil habitantes, 40,1% se encontravam em municípios maiores (com mais de 100 mil pessoas). Segundo o censo feito pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), também em 2015<sup>6</sup>, apenas a capital paulista concentrava quase 16 mil pessoas nessa situação, evidenciando um grande problema de desigualdade presente na cidade.

Nesse artigo, buscamos refletir a situação de rua nas mídias, mas a partir da perspectiva das narrativas de vida. Interessa-nos observar, por meio do conceito de espaço

---

<sup>4</sup> Dados referentes a março de 2017, segundo entrevista por nós realizada com os administradores do projeto.

<sup>5</sup> “Pesquisa estima que o Brasil tem 101 mil moradores de rua”. Jan/2017. IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplica. Disponível em [http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=29303](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=29303). Acesso em: 30 maio 2017.

<sup>6</sup> “NÚMERO DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA SÓ CRESCE NO BRASIL”. Observatório da Sociedade Civil. Mar/2016. Disponível em <https://observatoriosc.wordpress.com/2016/03/24/numero-de-pessoas-em-situacao-de-rua-so-cresce-no-brasil/>. Acesso em: 30 maio 2017.

biográfico proposto por Leonor Arfuch (2010), como as vidas de um grupo tão marginalizado socialmente ganham destaque num projeto midiático nas redes sociais.

Nosso objetivo foi compreender como essas narrativas estão configuradas, procurando especificamente observar se há uma estrutura comum a todos os relatos e quais estratégias discursivas foram adotadas pelos sujeitos enunciadorees no ato de contar sobre o outro.

Para a análise, recorreremos ao instrumental teórico-metodológico da Análise do Discurso, notadamente nos trabalhos de Charaudeau (1995), Machado (2011) e Procópio (2015, 2016). Estabelecemos como objeto de estudo os relatos de vida publicados na página do *SP Invisível* e, como recorte temporal para a coleta dos dados, os meses de dezembro de 2016 e janeiro de 2017, totalizando 39 postagens (20 publicações em dezembro e 19 em janeiro). A observação dos dados foi realizada por meio de grades de análise segundo características de construção de identidade (isto é, nome e/ou apelido, identidade de gênero, faixa etária, etnia), período em que está na rua, informações sobre estatuto profissional e principais temáticas abordadas em cada relato.

### **As reconfigurações das narrativas de vida e os espaços biográficos**

A atividade de narrar, sobretudo, narrar uma vida, já é algo constante na vida dos seres humanos. (PROCÓPIO, 2016). Seja em livros, revistas, entrevistas, testemunhos, conversas, *realitys shows*, documentários, relatos de autoajuda, e tantos outros gêneros discursivos, tematizar a experiência vivida, o ‘real’, sempre chamou a atenção e reuniu um grande número de interessados para este tipo de conteúdo. Conforme Arfuch (2010, p. 16), as razões para a adesão e expansão das narrativas de cunho biográfico podem ser justificadas por uma “necessária identificação com outros, os modelos sociais e realização pessoal, a curiosidade não isenta de *voyeurismo*, a aprendizagem do viver”.

Atenta às diferentes modalidades de se tematizar a vida – não apenas limitadas aos modelos tradicionais no suporte do livro – Leonor Arfuch, no livro *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*, propõe a noção de *espaço biográfico* ancorada a uma questão discursiva: o conceito compreende uma maneira mais abrangente de entender e estudar as narrativas de vida, a partir de suas mais variadas aplicações. Não mais restringindo esse *contar sobre o outro* ou *contar sobre si* a normas, gêneros tradicionais e estilos de se fazer ou a lugares para serem publicados, esse novo

conceito amplia a tematização da vida a um horizonte de possibilidades, conforme explica a autora:

O espaço biográfico assim entendido – confluência de múltiplas formas, gêneros e horizontes de expectativa – supõe um interessante campo de indagação. Permite a consideração das especificidades respectivas sem perder de vista sua dimensão relacional, sua interatividade temática e pragmática, seus usos nas diferentes esferas da comunicação e da ação. (ARFUCH, 2010, p. 58-59).

Partindo, então, do conceito de espaço biográfico, na cultura contemporânea podemos perceber outras formas de tematização da vida, notadamente relacionadas às dinâmicas midiáticas, tais como entrevistas, *reality shows*, perfis em redes sociais, relatos de autoajuda etc. Tais reconfigurações das narrativas de vida reorganizam os papéis enunciativos da escrita biográfica, assim como os assuntos tematizados nos relatos:

É preciso salientar, entretanto, que nesse espaço biográfico proposto, a construção da vida e apresentação do eu é feita, muitas vezes, por uma perspectiva enunciativa polifônica: trata-se de construções dialogicamente elaboradas. Muitas vezes, entram em cena diversos autores para a construção dos textos biográficos. Nessa conjuntura, espaços públicos e privados tornam-se incisivamente misturados, marcados por uma interatividade acelerada e pela relação paradoxal entre indivíduo e sociedade. (PROCÓPIO, 2016, p. 319)

Em suas diferentes manifestações genéricas e com finalidades discursivas variadas, as narrativas de vida contemporâneas fazem-se presente em contextos cotidianos, focalizando sujeitos famosos e anônimos. Pensar nesses momentos biográficos, que surgem das mais diversas formas de se narrar a vida, também nos permite discutir sobre o desenvolvimento de um maior interesse por documentar as experiências dos sujeitos-comuns, daqueles que vivem e partilham vivências cotidianas.

A curiosidade literária, a midiática e a científica e, ainda, esses dois polos arquetípicos da experiência – as vidas “célebres”, que são por isso emblemáticas e se tornam objeto de identificação, e as “comuns”, que oferecem uma imediata possibilidade de autoconhecimento – confluíram dessa forma em nosso espaço, habilitando um olhar excêntrico sobre as novas maneiras como o biográfico se integra naturalmente no horizonte da atualidade. (ARFUCH, 2010, p. 24)

A partir de movimentos e coletivos que se organizam através das mídias digitais, por exemplo, como o *Facebook*, o *Twitter*, ou o *Instagram* (ou tantas outras), permite-se

que esse sujeitos-comuns relatem suas vivências, expondo uma realidade até então omitida ou distorcida pela grande mídia. A página do *Facebook* “Eu empregada doméstica” pode exemplificar essa discussão, ao reunir relatos anônimos enviados por empregadas que sofreram abusos por seus empregadores. Outro exemplo é a página “Favela, Uma Foto por Dia” que, através das lentes de Horacius de Jesus, divulga fotografias das comunidades, vilas e favelas da cidade de Belo Horizonte.

Segundo Viegas (2008), é nesse espaço *online*, potencialmente mais plural e democrático, que se abrem as portas para que o sujeito comum e, muitas vezes, invisível em uma mídia mais hegemônica. Esse “impacto da internet sobre o espaço biográfico” remete justamente às infinitas possibilidades que a internet, enquanto espaço aberto, público, e possivelmente mais democrático, tem de falar dos invisíveis, fugindo dos modelos canônicos que instituía um fazer biográfico e autobiográfico limitados. (VIEGAS, 2008, p. 5).

### **A projeção do *ethos* e a configuração de efeitos patêmicos como estratégias discursivas**

Neste trabalho somos levadas a crer que as narrativas de vida, enquanto modalidade discursiva, funcionam como uma espécie de estratégia discursiva dos sujeitos responsáveis pela projeto *SP Invisível*. Baseamo-nos no conceito de estratégia discursiva a partir das problematizações da Teoria Semiolinguística, de Patrick Charaudeau (1995). Entendemos como estratégias discursivas os procedimentos discursivos executados pelo sujeito produtor de discurso em seu espaço de individuação, isto é, no espaço de manobras que ele possui em uma situação de troca comunicativa. Emediato (2007, citado por Procópio, 2015, p. 39) “reforça que elas compreendem uma série de procedimentos discursivos em suas variadas manifestações – linguística, icônica etc. – mobilizadas pelo enunciador em uma determinada atividade de discurso, para envolver o sujeito interpretante”.

Conforme Charaudeau (1995), as principais estratégias discursivas são a legitimidade, a credibilidade e a captação. A primeira diz respeito à comprovação de uma autoridade do sujeito produtor de um discurso para sua atividade languageira. Nesse caso, estamos diante da garantia de um poder-dizer via estatuto socioprofissional: a identidade social do sujeito produtor do discurso confere a si próprio uma legalidade, uma autoridade

para dizê-lo. A segunda estratégia é a de credibilidade, que diz respeito à construção de provas de verdade e verossimilhança no discurso, capazes de o justificarem ou provarem. Assim, são apresentados indícios discursivos que atestam a posição de verdade do sujeito. Por fim, temos a estratégia de captação, que se refere aos mecanismos discursivos capazes de despertar disposições afetivas no auditório. Procópio (2015, p.45) acrescenta que “a estratégia de captação procura, pois, despertar certas sensações e emoções no interlocutor, para que ele se posicione favorável a uma visada de influência do sujeito que comunica”.

Uma vez que os relatos apresentam as narrativas de vida das pessoas em situação de rua, acreditamos que tais narrativas funcionem como estratégias discursivas de credibilidade e de captação. Estamos falando de sujeitos que experenciam a vivência na rua, portanto, são a prova viva de tais relatos. Ainda, por tais relatos mobilizarem sensações e emoções no interlocutor, são eles também utilizados como forma de captar os sujeitos receptores destas mensagens.

Para esta discussão, julgamos também pertinente apresentar dois procedimentos discursivos recorrentes em nossas análises, que estiveram alinhados às estratégias discursivas: são eles o *ethos* e o *pathos*. Filiamo-nos à retórica aristotélica para a definição de tais conceitos e aos estudos de tais procedimentos discursivos no âmbito da análise do discurso. Conforme Aristóteles (2005), os três meios de persuasão ou provas do discurso são: o *ethos* (caráter do orador), o *pathos* (disposições, sobretudo, afetivas, criadas no auditório) e o *logos* (discurso em si ou a razão persuasiva que ele representa). A preponderância de uma prova vai depender do gênero, da finalidade e do contexto sócio-histórico no qual o discurso está inserido.

A noção de *ethos*, vista sob uma perspectiva discursiva, deve contemplar suas características dinâmicas e dialogais, entendendo-o como parte integrante da troca comunicativa e constituído pela construção discursiva pelo imaginário social e pela autoridade institucional. Assim, ao projetar uma imagem de si no discurso, o sujeito se vale de sua própria atividade languageira, mas também das informações previamente circulantes sobre ele na sociedade e das diferentes representações sociais vinculadas a ele ou aos temas e discurso que ele mobiliza.

Na composição dos relatos de vida, o *ethos*, segundo Ida Lúcia Machado (2011, p. 62), é a construção de uma imagem para os outros. “(...) se examinarmos essa construção a partir de uma perspectiva sócio-cultural e também psicossocial, veremos que

ela tem algo a nos dizer sobre a sociedade em que vive o ser retratado ou que se relata, sobretudo em relação aos seus hábitos, ideologias e seus fantasmas”. Ainda segundo a autora, a variação desse *ethos* pode acontecer de duas maneiras: seja pela construção do próprio sujeito, que se propõe a apresentar um *ethos* convincente ou interessante, que seja digno de ‘ser objeto de um livro’; seja pela alteração do escritor-narrador ao criar e representar esse ser variável e passível de mutações infinitas,

Criar ou aceitar o *ethos* de um indivíduo que ainda vive e fixá-lo no interior de um livro não deve ser uma tarefa difícil para quem realiza tal proeza. É um salto no escuro... O escritor-narrador para começar é um sujeito múltiplo, pois é sua voz, ao seu estilo, ele acrescenta a voz e o estilo do seu objeto de estudos, o indivíduo biografado. E, se este é vivo, logo, como todo ser humano, pode mudar de um momento para outro. Assim, acreditamos que todo escritor que se lança na aventura de escrever uma biografia corre os mesmos riscos que um equilibrista em uma corda bamba. O que ele diz ou afirma sobre o biografado será realmente confirmado, nos anos que se seguirão à publicação de seu livro? O *ethos* que ali é apresentado corresponde à qual verdade do indivíduo? Pois existem inúmeras verdades: a que eu penso ter e as que meus interlocutores sentem em mim... (MACHADO, 2011, p. 62)

Essas infinitas possibilidades de verdade e de criações e interpretações fazem que cada narrativa seja única: tanto para quem a diz, para quem a edita e para quem a recebe. No caminho produção-recepção, podemos observar o poder da seleção individual, que permeia cada um dos momentos: seja na hora em que selecionam sobre o que e como dizer (sujeito e escritor/editor), seja na hora em que o interlocutor tem o conteúdo em mãos e pode ler de variadas formas – prestando muita ou pouca atenção, mais ou menos familiarizado com o tema exposto, de bom ou mau humor, enfim, há uma gama de possibilidades de leitura. Para Arfuch (2010), é essa pluralidade de concepções que compõe o chamado ‘valor biográfico’,

Em minha hipótese, é precisamente esse valor biográfico – heroico ou cotidiano, fundado no desejo de transcendência ou no amor aos próximos – que impõe uma ordem à própria vida – a do narrador, a do leitor –, à vivência por si só fragmentária e caótica da identidade, o que constitui uma das maiores apostas do gênero e, conseqüentemente, do seu espaço biográfico. (ARFUCH, 2010, p. 56).

Os mecanismos discursivos utilizados ao falar de si são acionados para moldar nosso parecer ser, ou seja, a visão que os outros têm sobre nós. Para uma narrativa

biográfica, ainda numa reflexão sobre *ethos*, mais importante do que *ser é parecer ser*. Arfuch (2010) também adiciona mais uma questão: além da autorrepresentação (isto é, de um *parecer ser*) é importante o modo como construímos a representação,

Avançando uma hipótese, não é tanto o “conteúdo” do relato por si mesmo – a coleção de acontecimentos, momentos, atitudes –, mas precisamente *as estratégias* – ficcionais – de *autorrepresentação* o que importa. Não tanto a “verdade” do ocorrido, mas sua construção narrativa, os modos de (se) nomear no relato, o vaivém da vivência ou da lembrança, o ponto do olhar, o que se deixa na sombra; em última instância, que história (qual delas) alguém conta de si mesmo ou de *outro eu*. E é essa qualidade autorreflexiva, esse caminho da narração, que será, afinal de contas, *significante*. (ARFUCH, 2010, p. 73, grifos da autora)

Em relação ao *pathos*, percebemos sua relação com a estratégia de captação. Para que esta última seja efetivada, é necessário tocar o universo de crença e os estados emocionais do interlocutor em questão, mobilizando, sobretudo, as representações sociais e as expectativas do destinatário do discurso. Assim, é comum o emprego de léxicos associado ao universo das emoções, uso de trilhas sonoras e variação de tom de voz, dramatização de cenas etc., como mecanismos discursivos principais para se alcançar despertar o *pathos* e, com isso, captar o interlocutor. Todavia, Procópio (2015, p.52) pondera:

(...) o efeito patêmico pode ser obtido por um discurso explícito e direto, quando as próprias palavras dão uma tonalidade patêmica, ou de forma implícita e indireta. A construção discursiva do sentido como construção dos efeitos visados depende, contudo, do reconhecimento de tais efeitos pelos interlocutores. É necessário, pois, a existência de uma competência linguageira para este reconhecimento.

Assim, reconhecemos que os efeitos patêmicos que serão por nós identificados devem ser percebidos como efeitos visados. Para que eles se tornem efeitos concretos, isto é, efetivados, é preciso que os interlocutores compartilhem o mesmo arcabouço de referências e representações para significação desses aspectos emocionais. Por esse prisma, é preciso dizer que usamos, de modo mais ou menos consciente, as representações sociais para compreendermos o mundo e os sujeitos que nos rodeiam. Essas representações circulam na sociedade a partir do que Patrick Charaudeau (2006)



denomina como ‘imaginários sociodiscursivos’. Os imaginários podem ser acionados a partir de saberes do conhecimento (como quando verdades comprovadas cientificamente ou por experiência), ou por saberes de crença (conhecimentos mais subjetivos que não necessitam de uma validação especializada para serem consolidados).

### **Narrativas mediatizadas dos sujeitos em situação de rua: uma análise**

Através das redes sociais, o coletivo *SP Invisível* publica<sup>7</sup>, quase que diariamente, relatos dos ‘invisíveis’ da capital de São Paulo. Entendendo, então, os relatos veiculados pela página do projeto *SP Invisível* como uma espécie de autobiografias cocriadas, optamos por utilizar para esta análise o conceito de *espaço biográfico*. O conceito, contemporaneamente reconfigurado por Leonor Arfuch (2010), propõe um espaço mais abrangente – e potencialmente livre – para narrar vidas. Sejam elas de si ou do outro, quando estudadas a partir desse espaço biográfico (e não mais dentro das lógicas limitantes da *biografia* ou *autobiografia*) encontram diferentes momentos e perspectivas de atuação.

Antes de analisar as narrativas de vida enquanto expressão de si, também devemos entender que cada discurso carrega uma pluralidade de vozes. Somos constantemente transpassados por falas, valores e crenças de diversas instituições e muitas vezes, consciente ou inconscientemente, continuamos propagando estes discursos.

Contar a própria vida inclui um movimento de reconfiguração de experiências vividas que vão além de uma enumeração de acontecimentos pessoais e coletivos. O narrador-personagem vai expondo fatos que tecem, ao longo da narrativa, um percurso existencial e delineiam uma imagem de si a partir das factuais e das representações que mobiliza, conscientemente ou não. Ele impõe sua voz e abre espaço para que outras vozes sejam entendidas: a das instituições, a dos valores e a das crenças. Conjuntamente, elas vão conferindo uma coesão aos seus grupos de pertencimento desse narrador, coesão nem sempre capaz de silenciar o embate entre ideologias diversas (LYSARDO-DIAS, 2016, p. 996).

Considerando, então, o campo do espaço biográfico, percebemos que os relatos são polifonicamente construídos. Os administradores da página, em entrevista, nos

---

<sup>7</sup> Nossas observações quanto à regularidade das postagens compreendem os meses de nossa coleta de dados, portanto, o período entre os meses de dezembro de 2016 e janeiro de 2017.

disseram que não havia alteração no que os entrevistados diziam<sup>8</sup> mas, já em um primeiro momento, observamos a existência de uma ordem presente em quase todos os relatos, que se sintetiza em: apresentação (nome e idade), quanto tempo e por qual motivo está na rua, e conclusões – que em sua maioria expressam o desejo de sair dessa situação. A construção dessas narrativas, por si só, evidencia a interferência dos sujeitos biógrafos que, de alguma maneira, norteiam e encaminham a fala do biografado.

Ao analisarmos os relatos, percebemos a existência de temas canônicos, dentre os quais destacamos: (i) família, que esteve presente em 30 relatos; (ii) emprego, mencionado em 17 relatos; (iii) drogas, preconceito ou violência, presente em 13 postagens. Abaixo, destacamos alguns excertos:

Perdi minha mulher na cesárea da nossa filha. Eu entrei em depressão profunda, cortei os pulsos e o único jeito que achei para me sentir um pouco mais livre foi a rua. Hoje estou há um ano tentando sair daqui e não consigo. Minha família disse que eu fui sozinho, então tenho que sair sozinho também. Mas ninguém sai da rua sozinho, não sem oportunidade (Sander);

Vim pra cá há 20 anos, vim porque briguei com a minha família. Morava em Osasco, mas como minha família bebia muito eu decidi sair de lá. Eu não bebo. Durante o calor, isso é tranquilo, mas no frio acho que faz falta. Não tem cobertor que dê conta. (Emerson Chaves);

A droga é a pior coisa da rua. Eu fico só com o meu baseadinho, sou mendigo maconheiro, não dou trabalho pra ninguém. Quem usa outras drogas só se ferra porque aí você fica devendo, perde a saúde, fica viciado e não faz nada. Eu sou diferente. Tem todo tipo de gente aqui, quem tem preconceito não entendeu nada. Quero arrumar uma igreja, voltar pra casa e conseguir um serviço. Esse é meu sonho e acho que o sonho de todos. (Felipe Garcia).

Os exemplos acima destacados parecem recorrer a um imaginário sociodiscursivo comum quando são tematizadas as vidas na rua. No geral, problemas familiares e desemprego costumam ser identificados nos noticiários e também em pesquisas acadêmicas como fatores determinantes da situação de rua. Assim, quando os entrevistados sinalizam que esses foram os motivos pelos quais estão na rua parecem

---

<sup>8</sup> “Nunca mudamos o sentido, às vezes palavras pela questão da repetição” (Vinícius Lima, entrevista *online*, 2017).

confirmar, por meio das próprias experiências, as ideias já socialmente circulantes sobre as motivações.

A outra temática bem evidenciada – drogas, preconceitos e violência – também parece ser de grande presença na memória discursiva da sociedade quando se trata de pessoas em situação de rua. Nos discursos circulantes no senso comum, é possível identificarmos caracterizações desse grupo como violentos, como usuários de drogas, o que já se configura como um julgamento preconceituoso.

Quanto à composição discursiva, os relatos são sempre redigidos em primeira pessoa e são acompanhados de uma foto do sujeito biografado. Por meio de nossas análises, consideramos que expor as fotografias desses sujeitos invisibilizados, juntamente aos relatos em primeira pessoa, permite que o interlocutor estabeleça um contato direto com aquele sujeito – e até desenvolva sentimentos com o que estivesse sendo dito, o que, para nós, já se configura como estratégia de captação.

O retrato pode convocar nossa empatia, solidariedade, piedade reverência ou repúdio, uma vez que utiliza a presença humana (e seu olhar direcionado para a objetiva) para conduzir nossos sentimentos morais e as possibilidades de vinculação comunicativa com o indivíduo retratado (esse movimento caracterizaria uma pragmática de reciprocidade na impressão de uma conversação direta). (MARQUES; MARTINO; COELHO, 2016, p. 72)

Outro recurso discursivo que visa à instauração de um efeito patêmico e, por conseguinte, configura-se como estratégia de captação, é a narração de momentos emocionantes – que muitas vezes vêm acompanhados da esperança deles de quererem sair das ruas (essa esperança é evidenciada pelo uso recorrente da expressão ‘meu sonho’). Segundo eles, esse desejo pode ser alcançado a partir da (re)construção de uma família, da volta para a casa de outros familiares ou arrumando um emprego.

Meu sonho é fazer uma faculdade de direito, quero ser advogada pra ajudar as pessoas que precisam de ajuda e trazer meus filhos pra morarem comigo (mulher, sem nome);

Meu sonho é conseguir minha casinha, né. Ter minha privacidade (Jesus Rodrigues);

O meu sonho é conquistar uma família e sair dessa situação. É como disse o Chorão, naquela música "O Preço", "existe sempre um outro jeito de se poder chegar" (Leandro Folha);

Meu sonho, de verdade, é ter um emprego. Se eu conseguir um emprego minha vida vai para frente e resolvo tudo. Comida e roupa a gente ganha, mas emprego não. Por não ter residência fixa é difícil conseguir. Se a gente tá num albergue, já tem preconceito e eles não arrumam, porque a gente mora na rua (Rita de Cássia);

Quero muito arrumar um emprego não para voltar pra casa dela, mas pra minha cidade, pelo menos lá eu conheço mais as coisas (Jardel).

Em termos de construção do *ethos*, percebe-se uma tendência em apresentar os sujeitos biografados sempre de maneira positiva, por mais que estejam sendo evidenciados episódios considerados como reprováveis pelos imaginários sociais circulantes na sociedade. Podemos observar que há uma apresentação de informações desfavoráveis, mas a maioria dos relatos é finalizada com uma conclusão 'positiva', que nos leva a compreender os sujeitos invisíveis relatados enquanto vítimas de uma situação maior:

Tô na calçada faz 13 meses. Tá sendo duro, viu. É muito frio, corre risco das pessoas morrerem. Ninguém ajuda quem tá na rua, nem a família, nem a prefeitura, nem o governador, nem ninguém. Meu sonho é conseguir minha casinha, né. Ter minha privacidade. (Jesus Rodrigues);

Se parassem para conversar iriam ver que aqui tem de tudo: advogado, professor, enfermeiro, pessoas que, como eu, deram um deslize na vida. Gostaria muito de me tornar assistente social, ajudar quem quer ser ajudado. Hoje eu vendo água, bala e to querendo voltar pra área. Se tivesse atuando, iria brigar com a prefeitura, com as autoridades para melhorar nossa condição. (Marcão);

Hoje já entrei no crack e to tentando lidar com essa situação, pra poder melhorar e voltar com a minha vida normal. Quero casar um dia, ter minha família, alguém com quem passar o Natal. (José Leandro);

Dormir com um pedaço de coberta, na calçada, você acha que isso é vida de gente? Quero tomar um café e não tenho 1 real no bolso. A vida foi injusta comigo e tá sendo até agora, mas se eu pudesse mandar um recado pras pessoas diria pra que nunca julguem ninguém, julgar sem saber é o mal do mundo. (Gilberto).

Somos levadas a crer que a estrutura discursiva de uma narrativa de vida favorece a projeção de imagens positivas dos sujeitos biografados. Assim, como nas narrativas tradicionais, as vidas aqui apresentadas tendem a se vincular a um ideal de superação,

mesmo que ainda não concretizado. Os sujeitos parecem desempenhar um papel actancial de vítima, reforçado também pelos efeitos patêmicos de emoção, tais como compaixão, tristeza e indignação frente aos episódios relatados. A credibilidade desses episódios é comprovada pela mobilização de um saber de experiência enquanto estratégia discursiva de credibilidade.

### **Considerações Finais**

Nossa compreensão de mundo, além de ser construída pelo grupo em que estamos, também recebe fortes influências da mídia. Páginas no *Facebook* e demais mobilizações nas redes sociais potencializam uma luta pela inclusão do outro, pela importância da representatividade e da pluralidade de sujeitos. Mas podemos (e devemos) questionar a existência de posicionamentos, enquadramentos e seleções ali presentes.

Entendemos essas manifestações nas redes sociais como espaços midiáticos contra-hegemônicos, que trazem consigo a preocupação de se diferenciar dos temas e das abordagens construídos e reforçados pela grande mídia comercial. Muitas vezes, tais espaços são utilizados para que os invisíveis se exponham e tenham direito de fala:

Historicamente, a posição político-ideológica desse tipo de comunicação no Brasil é de caráter contestador ao *status quo* e serve como canal de expressão de setores subalternos da população organizados com vistas a obter respostas para suas demandas ligadas às carências sociais e econômicas advindas das desigualdades sociais (condições de moradia, de saúde etc.), bem como às lutas para democratizar a política e a sociedade, além daquelas do mundo do trabalho que visam melhorar a distribuição de renda e as condições de execução das tarefas produtivas. (PERUZZO, 2009, p. 04)

Fazendo uso de um espaço potencialmente democrático, o projeto *SP Invisível*, através da publicação de relatos de pessoas e artistas em situação de rua, tenta dar visibilidade a esses sujeitos quase que invisíveis e que, muitas vezes, passam despercebidos por nós.

Além disso, a emergência contemporânea das redes sociais como porta-voz da vida de pessoas-comuns propõe a discussão das novas possibilidades de narrar vidas, ressignificando os conceitos canônicos e limitados do modo de se tematizar as vidas, sobretudo quando nos referimos àquelas mais marginalizadas. Mas dar ou não voz à mulher, ao negro ou ao LGBT, escolher aquilo que se publica ou o que deve ser deixado

de lado ao modificar, alterar ou omitir informações, reforça a mídia como um espaço de poder que tem nas mãos o poder de ‘produzir a verdade’ - seja ela hegemônica ou alternativa, de massa ou democrática. Assim, além de problematizarmos a relação entre as estratégias discursivas e as narrativas de vida, devemos evidenciar a importância da reflexão sobre o produtor de notícias e conteúdos, enquanto responsável por reproduzir ou ressignificar representações marcadas na nossa sociedade.

## Referências

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

BRASIL. *Decreto n.º 753, 23 de dezembro de 2009*. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Presidência da República, 2009. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm). Acesso em: 16 jun. 2017.

CHARAUDEAU, Patrick. Ce que communiquer veut dire. *Revue des Sciences Humaines*, Lille (França), n. 51, p. 20-23, jun. 1995. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Ce-que-communiquer-veut-dire.html>. Acesso em: 16 jun. 2017.

CHARAUDEAU, Patrick. Os imaginários de verdade do discurso político. In: CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. Tradução Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2006. p. 185-208.

EMEDIATO, Wander. As emoções da notícia. In: MACHADO, Ida Lucia; MENEZES, Willian; MENDES, Emília (org.). *As emoções no discurso*. Volume 1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 290-309.

LYSARDO-DIAS, Dylia. Narrativas de moradores de rua nas mídias sociais. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 26, n.3, p. 989-1013, 2016. Disponível em <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/10931>. Acesso em 28 jul. 2017.

MACHADO, Ida Lúcia. Histórias discursivas e estratégias de captação do leitor. *Revista Diadorim*, Rio de Janeiro, vol. 10, p. 59-74, dez 2011. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3935>. Acesso em: 30 jul. 2017.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; MARTINO, Luis Mauro Sá; COELHO, Tamires Ferreira. Alteridade, sofrimento social e potência política em relatos de si no projeto “SP Invisível” no Facebook. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, São Paulo, vol. 39, n. 3, p. 55-78, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-5844201634>. Acesso em: 6 ago. 2017.

NATALINO, Marco Antonio Carvalho. Estimativa da População em Situação de Rua no Brasil. In: *2246 Texto para discussão*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada: Brasília: Rio de Janeiro: Ipea, [Brasília, 2016] 1990. Disponível em [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/26102016td\\_2246.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/26102016td_2246.pdf). Acesso em 30 maio 2017.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. *Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço*. *Galáxia*, São Paulo, n. 17, p. 131-146, jun. 2009. Disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=399641243011>. Acesso em 7 jun. 2017

PROCÓPIO, Mariana Ramalho. *A mobilização de estratégias na tessitura discursiva de biografias*. *Intersecções*, Jundiaí, v. 15, p. 38-58, 2015. Disponível em: <http://www.portal.anchieta.br/revistas-e-livros/interseccoes/pdf/interseccoes-ano-8-numero-1.pdf>. Acesso em: 21 jul.2017.

PROCÓPIO, Mariana Ramalho. Caracterização do universo das narrativas biográficas sob uma perspectiva discursiva. In: MACHADO, Ida Lucia; MELO, Mônica Santos de Souza (org.). *Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso*. 1. ed. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, FALE/UFMG, 2016, p. 299-325.

VIEGAS, Ana Cláudia. O “eu” como matéria de ficção - o espaço biográfico contemporâneo e as tecnologias digitais. *Revista Texto Digital*, Florianópolis, vol. 4, n. 2, 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/14061-43445-2-PB.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2017.

## **DISCURSIVE STRATEGIES IN LIFE NARRATIVES PUBLISHED BY THE INVISIBLE SP MOVEMENT PAGE**

### **ABSTRACT**

This article aims to analyze the discursive strategies used to construct the life narratives of homeless people, published by the SP Invisible movement on Facebook. As theoretical support, we base ourselves on the works of Arfuch (2010), Charaudeau (1995), Machado (2011) and Procópio (2015, 2016). Our analyzes have made us realize that life narratives themselves function as discursive strategies of both credibility and capture. We believe that such strategies aim to have a pathetic effect, that is, to arouse emotions in the public receiving such reports, as well as to project a victim ethos to the biographed subjects.

**Key words:** biographical space, life narratives, street situation, invisible SP.

Recebido em 23/08/2018

Aprovado em 15/11/2018